



NEGRITUDE E POSIÇÃO-SUJEITO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA OBRA SOLITÁRIA, DE ELIANA ALVES CRUZ

BLACKNESS AND SUBJECT POSITION: A DISCURSIVE ANALYSIS OF SOLITÁRIA, BY ELIANA ALVES CRUZ

Ana Morais de Souza¹
Alexandra Aparecida de Araújo Figueiredo²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender as posições-sujeito dos personagens femininos na obra *Solitária*, da autora Eliana Alves Cruz e do mesmo modo, como desempenham suas negritudes. Assim, como base teórica para este estudo, elencamos a Análise de Discurso de base materialista, mais especificamente de Michel Pêcheux (2014), a partir dos conceitos de lugar-social e posição-sujeito. Para pensar o conceito de negritude nos pautamos nas reflexões de Munanga (2019), indicando a complexidade que constitui esse conceito. Para a reflexão sobre o conceito de identidade, temos como base as orientações de Gomes (2019), que também é atravessado pelo viés discursivos, compreendemos como algo que fala antes em algum lugar, ou seja, identidade como o sempre já lá, naturalizado como o ideal a ser performado. As análises apontam para uma contradição discursiva entre os personagens, visto que, mesmo compartilhando o mesmo imaginário discursivo, ou seja, o espaço em que o negro deve ocupar na sociedade, onde os já ditos determinam seus lugares sociais, eles não desempenham os mesmos discursos esperados pela ordem do discurso imposto. Do mesmo modo, o conceito de negritude, deslocado para uma leitura discursiva, pode ser considerado como resistência contra as imposições racistas. Isso aponta para o funcionamento das formações ideológicas em que os sujeitos são atravessados e principalmente, para as falhas no ritual da ideologia.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Análise de discurso. Negritude. Resistência.

ABSTRACT

The *Solitária* work aims to understand the subject-positions of the female characters in the book *Solitária* by the author Eliana Alves Cruz and how they express their black identities. Thus, as the theoretical basis for this study, we rely on Materialist Discourse Analysis, specifically the theories of Michel Pêcheux (2014), using the concepts of social place and subject-position. To explore the *Solitária* f black identity, we rely on the considerations of Munanga (2019), indicating the complexity that constitutes this concept. For the consideration of the *Solitária* f identity, we base our study on the guidelines of Gomes (2019), who, also considering the discursive bias, understands identity as something that speaks from somewhere, that is, identity as *Solitária* already there, naturalized as the ideal to be performed. The analyses point to a discursive contradiction among the characters, as even though they share the same discursive imaginary, that is, the space that black people should occupy in *Solitária* *Solitária* the already said determines their social places, they do not perform the same discourses expected by the imposed order of discourse. Similarly, the *Solitária* f black identity, *Solitária* read through a discursive lens, can be considered as resistance *Solitária* *Solitária* impositions. This points to the functioning of the ideological formations through which the subjects are traversed and, importantly, to the failures in the ritual of ideology.

¹ Discente de Graduação em Letras Português/Espanhol na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). E-mail: anacarolinamoraisouza@gmail.com.

² Doutora em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Mestre e Graduada em Letras pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). E-mail: alexandraap1@hotmail.com.



KEYWORDS: Literature. Discourse Analysis. Black identity. Resistance.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Quando pensamos em nossa posição no mundo enquanto sujeitos, em nossa “identidade”, naquilo que nos compõem, retornamos a diversos locais sejam eles perto ou longínquos, remetemos a discursos que ecoam, saberes impostos que perduram e se fazem presente ao longo das eras. Isso porque indicamos aqui a compreensão de “identidade”, como algo que fala antes em algum lugar, ou seja, o *sempre já lá*, naturalizado como o ideal a ser performado.

A fim de refletir tal questão e como ela pode ser observada também na literatura e na formação das personagens literárias, utilizamos os preceitos teóricos de Michel Pêcheux e Kabengele Munanga para analisar as personagens femininas de *Solitária*, obra da autora carioca e já ganhadora de um Prêmio Jabuti, Eliana Alves Cruz. Para além de tal análise, a obra foi preterida a tantas outras por sua pungência ao tratar de temas espinhosos de nosso cotidiano, principalmente os de racismo, classe e gênero, de uma forma muito clara, coesa e real.

Solitária é uma narrativa centrada na vida da empregada doméstica Eunice e sua filha Mabel, o livro divide-se em três partes com narradores distintos: a primeira, conta com o ponto de vista de Mabel; a segunda, acompanhamos a história pelos olhos de Eunice; e a terceira e última, que recebe o nome de “Solitárias”, temos em cada capítulo a visão de paredes de diferentes espaços, como o quarto de empregada, o quarto de porteiro etc.

A narração da obra começa com uma pequena desavença e possível conflito entre mãe (Eunice) e filha (Mabel), uma discussão que ao primeiro momento não se sabe exatamente o que é, mas Mabel mostra-se dura e pede que a mãe pense nos antigos patrões como eles realmente são e não com o carinho e gratidão que ela supõe que deve a eles. Seguimos, então, com as lembranças de Mabel, desde o primeiro dia em que acompanhou a mãe ao serviço – ainda bem criança – até o momento em que as coisas começam a mudar para ela, uma jovem às portas da universidade.

Logo na sequência, temos a segunda parte da história, narrada por Eunice, em que voltamos ao primeiro momento do livro e da breve discussão com Mabel e seu momentâneo desenrolar, pois também, a ex-empregada doméstica, lança-se às lembranças, elucidando diversos pontos que não



foram esclarecidos pela filha e trazendo o seu olhar próprio sobre os acontecimentos que às levaram até ali.

Por fim, na última parte, temos as paredes como narradoras, cada tipo de quarto (de empregada, de porteiro, de hospital e de descanso) derramam sobre as páginas sua visão das humanidades que por elas passaram e habitaram, sempre dando seu parecer de grande experiência por muito existir e ver, dando um derradeiro olhar ao desfecho das personagens que vimos crescer, evoluir, amadurecer e sobreviver ao longo de toda a obra e anos passados.

Para além das relações e vivências das personagens, e, obviamente, todo o racismo e o preconceito escancarado, o acontecimento motriz do livro é a morte trágica de uma criança de quatro anos, o filhinho da nova empregada dos ex-patrões de Eunice, que cai pela janela da cobertura ao ser deixado sozinho por Camila – a filha dos patrões –, que relega o pequeno à própria sorte em um quarto com janela aberta, pois as amigas chegaram para sua festa e ela que estava vigiando o garoto, simplesmente, não o quer atrapalhando sua felicidade.

O crime culposo é o que motiva a discussão entre Eunice e Mabel nas primeiras páginas sem que ainda saibamos o que de fato ocorreu, mas já entendemos que a família rica quer o auxílio de Eunice para ocultar algo e Mabel esbraveja cobrando uma postura firme e a denúncia por parte da mãe. A família dos ex-empregadores pede que Eunice minta e diga que a culpada pelo homicídio culposo não é a mimada “*Camilinha*”, a criança crescida e cheia de vontades. Esse é um dos pontos centrais da obra que mostrará a evolução de Eunice, que passa de uma atitude completamente passiva para outra mais posicionada e segura das atrocidades daquele “clã”.

Solitária aborda questões de gênero, maternidade, de classe, e o principal: racial. Problemas estruturais e sintomáticos que afetam direta e completamente um país onde cerca de 55,5% de sua população se declara como preta ou parda (IBGE, 2022). Na obra, temos a relação entre empregada doméstica e patrão de alta classe, bem como o negro que serve e o branco que é servido, como questões de principal destaque, pois são essas realidades que vemos em diversos lugares, em qualquer rápida observação ou leitura de quaisquer jornais e notícias que sejam, a exemplo: “Negros ainda são maioria com rendimento até 2 salário mínimos” (Feijó, 2022); “Remuneração de brancos é 68,7% maior do que de trabalhadores negros, diz instituto” (Almeida, 2022); “Mulheres negras são 65% das trabalhadoras domésticas do país” (Vilela, 2022).

Quanto a isso, são poucos os exemplos da questão que se apresenta desde a formação do país e tornou-se um mal estrutural em nossa sociedade, gerando feridas profundas e problemas que afetam a todos, mas, obviamente, principalmente aqueles que sofrem o racismo diretamente e têm



seu ser e sua posição na sociedade contestados e rechaçados. Como bem explica Nilma Lino Gomes, na apresentação do livro *Negritude: Usos e sentidos*, de Kabengele Munanga: “O racismo imprime marcas negativas em todas as pessoas, de qualquer pertencimento étnico-racial, e é muito mais duro com aqueles que são suas vítimas diretas. Abala os processos identitários” (Gomes, 2019, p. 8).

No tocante às questões levantadas pelo livro e que serão debatidas, o que queremos salientar no presente artigo é a posição-sujeito que as personagens principais estão inseridas na obra e como são construídas suas “identidades”, enquanto mulheres negras no lugar-social em que se encontram. É na análise da “identidade”, partindo da perspectiva de que há uma ilusão de que a posição-sujeito precisa dialogar com seu lugar-social, pois há sempre um mundo já simbolizado para os indivíduos, que o presente trabalho visa compreender o funcionamento discursivo das personagens femininas em *Solitária*, como desempenham suas negritudes.

2 POSIÇÃO-SUJEITO, “IDENTIDADE” E NEGRITUDE COMO RESISTÊNCIA

Ao pensarmos em “identidade” – para as personagens, mais especificamente a “identidade” negra –, nos deparamos com um conceito que pode ter muitas explicações e múltiplos desdobramentos. Entendemos que, como afirma Nilma Lino Gomes:

É importante considerar que negritude e identidade negra, embora estejam relacionadas com a cor da pele negra e às leituras sobre esta recaem ou lhe são impostas, não são essencialmente de ordem biológica. Elas colocam em diálogo algo mais profundo que atravessa a história dos povos africanos e da diáspora tornando-se um ponto comum: o fato de terem sido na história “vítimas das piores tentativas de desumanização e de terem sido suas culturas não apenas objeto de políticas sistemáticas de destruição, mas, mais do que isso, de terem sido simplesmente negada a existência dessas culturas (Gomes, 2019, p. 9).

Ou seja, o que a autora indica como a dita “identidade” negra consiste e se forma por meio de uma gama de fatores, não podendo ser simplificada apenas no tom da pele e outros conceitos restritivos. Munanga também chama a atenção para a importância de não confundir tal conceito com aquele da subjetividade que cada ser possui: “A identidade objetiva apresentada pelo viés das características culturais, linguísticas e outras descritas pelos estudiosos muitas vezes é confundida com a identidade subjetiva, que é a maneira como o próprio grupo se define e ou é definido pelos grupos vizinhos” (Munanga, 2019, p. 11).



Ao citar a existência dessas divergências, Munanga explica ainda três pontos importantes que podem compreender tanto a “identidade” individual quanto àquela do coletivo e são essenciais para nossos estudos:

Talvez seja necessário para mostrar essa diversidade contextual, considerar alguns fatores tidos como componentes essenciais na construção de uma identidade ou de uma personalidade coletiva, a saber: o fator histórico, o fator linguístico e o fator psicológico. A identidade cultural perfeita corresponderia à presença simultânea desses três componentes no grupo ou no indivíduo (Munanga, 2019, p. 12).

E além desses três fatores essenciais – histórico, linguístico e psicológico – que são o tripé de sustentação da “identidade” coletiva e individual da comunidade negra brasileira, o autor vai além e caracteriza de forma mais profunda a negritude:

A negritude e/ou a identidade negra se referem à história comum que liga de uma maneira ou de outra todos os grupos humanos que o olhar do mundo ocidental “branco” reuniu sob o nome de negros. A negritude não se refere somente à cultura dos povos portadores da pele negra que de fato são todos culturalmente diferentes. Na realidade, o que esses grupos humanos têm fundamental em comum não é como parece indicar, o termo Negritude à cor da pele (Munanga, 2019, p. 19).

Nessa esteira, é importante salientar que mesmo que a negritude reúna indivíduos também por intermédio da solidariedade por terem sido vítimas de um processo cruel e desumanizador, tal comunidade e indivíduos não se sujeitam à condição de objeto de ação simplesmente passiva, muito pelo contrário, como nos traz Munanga:

a negritude deve ser vista também como afirmação e construção de uma solidariedade entre as vítimas. Consequentemente, tal afirmação não pode permanecer na condição de objeto e de aceitação passiva. Pelo contrário, deixou de ser presa do ressentimento e desembocou em revolta, transformando a solidariedade e a fraternidade em armas de combate. A negritude torna-se uma convocação permanente de todos os herdeiros dessa condição para que se engajem no combate para reabilitar os valores de suas civilizações destruídas e de suas culturas negadas (Munanga, 2019, p. 19).

E ainda: “a negritude faz parte de sua luta para reconstruir positivamente sua identidade e, por isso, um tema ainda em atualidade” (Munanga, 2019, p. 19). Assim, embasados nos escritos de Munanga, compreendemos que a formação da “identidade” negra, também equiparada a negritude, depende de múltiplos fatores – sendo três os principais: histórico, linguístico e psicológico –, que os indivíduos reunidos nessa identificação compartilham o sentimento de solidariedade e fraternidade e que os utilizem como arma de combate às violências sistemáticas que enfrentam. O



fato de se ver de forma positiva e buscar se colocar no mundo de forma insubmissa, traz mudanças e melhorias ao indivíduo e também ao coletivo, por isso são tão importantes e reiteradas na atualidade.

Na obra *Solitária*, as personagens Mabel e Eunice nos mostram uma construção de “identidade” e sentimento de pertencimento muito distintas, também temos alguns vislumbres de d. Codinha – a mãe de Eunice –, segundo os olhos da filha e da neta e que demonstra uma visão diferente da negritude que vivencia. São três personagens, unidas por laços sanguíneos, que convivem boa parte da vida juntas, mas que mesmo assim não têm as mesmas visões e interpretações de suas posições na sociedade.

Sobre essas diferenças, podemos utilizar algumas palavras de Munanga:

Se o processo de construção da identidade nasce a partir da tomada de consciência das diferenças entre “nós” e “outros”, não creio que o grau dessa consciência seja idêntico entre todos os negros, considerando que todos vivem em contextos socioculturais diferenciados (Munanga, 2019, p. 11).

Seguindo as palavras de Munanga, também nossas análises da obra apontam para uma contradição entre os personagens, mesmo compartilhando as mesmas condições de produção, em que os já ditos determinam os lugares sociais, os personagens não desempenham os mesmos discursos esperados pela ordem do discurso imposto. Isso aponta para o funcionamento das formações ideológicas em são atravessados, pois

É porque as formações ideológicas têm um caráter regional que elas se referem às mesmas “coisas” de modo diferente (Liberdade, Deus, a Justiça, etc.), e é porque as formações ideológicas têm um caráter de classe que elas se referem simultaneamente às mesmas “coisas” (Pêcheux, 1990, p. 259).

Nesse sentido, Pêcheux nos traz que:

as palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isso é em referência às formações ideológicas [...] nas quais essas posições se inscrevem (Pêcheux, 2014, p. 147).

Isso nos permite compreender como os mesmos enunciados, proferidos nos mesmos espaços, podem produzir sentidos distintos e sua materialidade, ou seja, os efeitos materiais desses enunciados, também são percebidos de modos diversos.



Nesta perspectiva, em sua primeira fala, Mabel esbraveja “Mãe... a senhora precisa se libertar dessas pessoas... [...] Não tenha medo de encarar esse povo que nunca limpou a própria privada!” (Cruz, 2022, p. 11), a jovem pensa completamente diferente de sua mãe e cobra uma postura, já Eunice, logo em seus pensamentos iniciais, nos mostra que não concorda totalmente com a filha: “Ela não é má pessoa, e sempre foi carinhosa comigo. Quando era novinha, tinha umas manhas. Coisa de criança... Mas eu não conseguia enxergar esse demônio que Mabel pintava” (Cruz, 2022, p. 76). Duas formas completamente opostas de ver o racismo e a opressão que se afiguram na relação com a família dos antigos patrões.

Já a relação com d. Codinha, a matriarca, é mais distinta ainda, mas ao contrário do que se espera pelo senso comum, os pensamentos da avó são mais parecidos com os da neta do que com os de sua própria filha, como observa Eunice: Engraçado, Mabel estava em outra época, mas ao mesmo tempo sentia minha filha como uma versão atualizada da avó. As duas estavam de mãos dadas nas extremidades, com as mãos entrelaçadas por cima de mim” (Cruz, 2022, p. 108). Mas, é o amor, a solidariedade e fraternidade dita por Munanga (2019), o fator histórico que predomina na construção de suas “identidades”, como vemos no diálogo:

- Mabel, no dia que você entrar naquela faculdade, vai esquecer que lhe ensinei a curar dor de cabeça com chá de folha de louro e casca de cebola? – questionou d. Codinha.
- E que leite de inhame cura dor de estômago? – perguntei
- E que chá de quebra-pedra faz bem pros rins e cidreira acalma. Não tem nada que me tire essas certezas, d. Codinha – Mabel respondeu (Cruz, 2022, p. 103).

O diálogo mostra como os saberes ancestrais são valorizados e passados, ele as une de forma essencial para que essas mulheres se reconheçam e valorizem sua negritude e também seus laços sanguíneos e “identidade” negra individual. Sendo nítido também aí o processo de resistência que d. Codinha busca influenciar na neta, afinal: “O espaço da resistência torna-se, então, o entremeio dessa dissimulação que, ao mesmo tempo, separa e une dominante e dominados” (Modesto, 2016, p. 04). Dito de outro modo, apropriar-se dos espaços de poder, mesmo que de modo dissimulado, para inscrever outros sentidos. Também, podemos nos fiar nas palavras de Pêcheux:

- Não entender ou entender errado; não “escutar” as ordens; não repetir as litanias ou repeti-las de modo errôneo, falar quando se exige silêncio; falar sua língua como uma língua estrangeira que se domina mal; mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases; tomar enunciados ao pé da letra; deslocar as regras na sintaxe e desestruturar o léxico jogando com as palavras (Pêcheux, 1990, p. 17).



A fala do francês nos traz o processo de resistência como essas subversões, muitas vezes tidas como apenas descuidos como o “entender errado”, “não escutar” etc., o que a avó de Mabel solicita é que a postura da neta seja a de usar os saberes tradicionais para além daqueles aprendidos com os doutores brancos na universidade, para que esta não esqueça de sua ancestralidade e a honre nas pequenas coisas. Ainda sobre o dito fator histórico, que é muito importante, Munanga afirma que:

na medida em que constitui o cimento cultural que une os elementos diversos de um povo através do sentimento de continuidade histórica vivido pelo conjunto de sua coletividade. O essencial para cada povo é reencontrar o fio condutor que o liga a seu passado ancestral o mais longínquo possível. A consciência histórica, pelo sentimento de coesão que ela cria, constitui uma relação de segurança a mais certa e a mais sólida para o povo. É a razão pela qual cada povo faz esforço para conhecer sua verdadeira história e transmiti-la às futuras gerações (Munanga, 2019, p. 12).

Para além da sabedoria e cultura transmitidas, o fio condutor, citado acima por Munanga, que unia neta e avó era também o da raiva e o desprezo por essa classe alta racista e elitista como é a brasileira. Para Mabel, ver a mãe enquanto empregada, passando por todas as humilhações e o racismo velado à qual foi submetida desde o primeiro momento que entrou naquele espaço de pessoas abastadas, brancas e elitizadas, era uma dor e uma raiva que se unia aos sentimentos da avó, solidificando a ponte que às conectava:

Na hora lembrei de quando minha mãe me viu saindo para o meu primeiro dia como empregada doméstica. Ela estava muito contrariada e dizia que preferia mil vezes capinar, plantar, fazer o duro trabalho da terra, a ir para dentro da casa de rico. Ela lamentava, e eu dizia com um tom meio ofendido que não era para tanto, que o trabalho era digno e iria garantir nosso sustento honestamente. Nunca vou esquecer o que ela me falou. D. Codinha disse que sabia que era um serviço honesto, digno, mas mesmo assim se entristecia, porque olhava para mim e lembrava das histórias que a avó dela contava sobre servir casas-grandes. Eu achava tudo um exagero enorme (Cruz, 2022, p. 79).

Como vemos acima, d. Codinha aprendera com as suas ancestrais que a casa da elite branca, nada mais era do que uma extensão da casa-grande, embora não tivesse o estudo formal, tinha suas raízes e saberes, conhecia o mundo e compreendia a situação melhor que a própria filha. Já Eunice, desconhecia ou ignorava suas origens, perpetuando, assim, o pleno funcionamento da ideologia, que objetiva essa normalização, que a personagem vê como exagero na fala sensata da mãe.

Eunice iniciou sua jornada de trabalho no apartamento da cobertura de um bairro elitizado com receio, pois no fundo desconfiava que aquela era uma situação que seria humilhante para ela,



embora seus empregadores usassem os matizes do racismo velado e o estereótipo do cidadão de bem. Mas o que fazer para fugir do desemprego que assolava o país e como sustentar a filha e a mãe idosa? Assim, podemos ver como lhe era dolorosa a situação: “D. Lúcia dizia para todo mundo que eu era parte da família e por um tempo cheguei quase a acreditar nisso. Achava mais fácil e menos doloroso acreditar...” (Cruz, 2022, p. 108), e também podemos ver a forma como Mabel a enxergava:

eu era pequena, mas as palavras dele me fizeram pensar. Naquele momento, para mim, a questão não era tanto seu significado, mas o tom com que eram ditas. Segundo eles, minha mãe poderia me levar quando precisasse, desde que se responsabilizasse em me manter nas dependências de empregada, e, de preferência, no quartinho. Aliviada de não ser mais uma desempregada no Brasil do desemprego e dos bicos para sobreviver, mamãe ficou profundamente grata ao ser perdoada por algo que nem ela sabia o que era, e isso de certa maneira nos prendeu naquele escritório e naquela casa para sempre (Cruz, 2022, p. 30).

Assim, vemos a forma como as duas mulheres encaram de forma distinta a mesma situação, embora tenham vivências que se tocam e são semelhantes em alguns pontos. Quanto a isso, podemos depreender dois fatores principais: primeiro, a “identidade” se faz por meio de um processo que nunca está acabado, ou seja, vai sendo construído ao longo do tempo e por isso diverge mesmo que se tenha os fatores comuns e o reconhecimento na negritude ou “identidade” negra; segundo, que os sujeitos são interpelados de forma diferente pela ideologia e isso altera drasticamente seu discurso e posicionamento. Afinal, devemos retomar a fala de Pêcheux:

o funcionamento da Ideologia em geral como interpelação dos indivíduos em sujeitos (e, especificamente, em sujeitos de seu discurso) se realiza através do complexo das formações ideológicas (e, especificamente, através do interdiscurso intrincado nesse complexo) e fornece “a cada sujeito” sua “realidade”, enquanto sistema de evidências e de significações percebidas – aceitas – experimentadas (Pêcheux, 2014, p. 149).

Assim, Pêcheux traz a ideologia e a forma como esta interpela os indivíduos na sua formação de sujeitos, pois é por meio dela e seu papel no discurso que iremos validar a persona com a qual nos apresentamos ao mundo e nos identificamos, como ainda afirma o francês:

É a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados (Pêcheux, 2014, p. 146).



Em outras palavras, a ideologia é quem firmará no discurso e no imaginário coletivo as “identidades” com que nos emparelhamos de forma a materializar o sentido dessas palavras, fazendo com que o sujeito se reconheça nos conceitos que compreende como o sempre já lá, definido por Pêcheux também da seguinte forma: “o ‘pré-construído’ corresponde ao ‘sempre-já-ai’ da interpelação ideológica que fornece-impõe a ‘realidade’ e seu ‘sentido’ sob a forma de universalidade” (Pêcheux, 2014, p. 151); ou seja, aquilo que é naturalizado e torna-se o ideal a ser performado.

No caso das personagens Mabel e Eunice, vemos que suas produções discursivas, não seguem da mesma maneira mesmo que seu lugar-social seja muito semelhante; a ilusão da sua posição-sujeito a qual as personagens deveriam corresponder diverge e compreendemos que:

a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua na identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito): essa identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, apoia-se no fato de que os elementos do interdiscurso [...] que constituem, no discurso do sujeito, os traços daquilo que o determina, são reinscritos no discurso do próprio sujeito (Pêcheux, 2014, p. 150).

Mabel e Eunice apresentam discursos/posicionamentos diferentes, pois são interpeladas de forma diferente, assim, vemos a comprovação da fala acima de Pêcheux. A formação das personagens, enquanto sujeitos se efetua na identificação com a formação discursiva, Eunice, embora tenha ouvido certas falas disruptivas da mãe, não teve acesso aos mesmos enunciados que Mabel – ou caso tenha, não foi interpelada da mesma forma que a filha –, uma jovem que tem uma visão mais crítica e que tem acesso a escritoras e movimentos mais progressistas que não concordam com o discurso dominante.

A visão da personagem Eunice e sua posição no mundo começam a se modificar em pequenas conversas e vivências com sua filha, é através desses momentos que a personagem vai se descolando do papel previsto para seu lugar-social esperado, como podemos observar no excerto abaixo:

Hoje fico com pena do sacrifício que era se tornar invisível. Além dos espaços apertados que ocupávamos, o silêncio era um companheiro. Era preciso estar presente sem estar. Uma boa serviçal é silenciosa, e a criança que é filha dessa mulher também deve ser. Ela não pode rir como uma criança, não pode pular ou fazer travessuras como uma criança. Ela não é uma criança. É um incômodo, alguém apenas tolerado... Era como dizia num dos livros de uma escritora chamada Conceição Evaristo, que Mabel passou a devorar e de vez em quando lia pra mim: “Em boca fechada não entra mosquito, mas não cabem risos e sorrisos” (Cruz, 2022, p. 97).



Ainda sobre a forma como os sujeitos passam a se posicionar, compreendendo seu lugar-social e a idealização de sua posição-sujeito, trazemos a fala de Pêcheux:

a tomada de posição não é, de modo algum, concebível como um “ato originário” do sujeito-falante: ela deve, ao contrário, ser compreendida como o efeito, na forma-sujeito, da determinação do interdiscurso como discurso-transverso, isto é, o efeito da “exterioridade” do real ideológico-discursivo, na medida em que ela “se volta sobre si mesma” para se atravessar. Nessas condições, a tomada de posição resulta de um retorno do “Sujeito” no sujeito, de modo que a não coincidência subjetiva que caracteriza a dualidade sujeito/objeto, pela qual o sujeito se separa daquilo de que ele “toma consciência” e a propósito do que ele toma posição, é fundamentalmente homogênea à coincidência-reconhecimento pela qual o sujeito se identifica consigo mesmo, com seus “semelhantes” e com o “Sujeito”. O “desdobramento do “sujeito” – como “tomada de consciência” de seus “objetos” – é uma reduplicação da identificação, precisamente na medida em que ele designa o engodo dessa impossível construção da exterioridade no próprio interior do sujeito (Pêcheux, 2014, p. 159-60).

Essa “tomada de consciência” por parte de Mabel, dá-se tanto nos processos de subjetivações com seus “semelhantes”, onde percebe o lugar-social que ocupa e deveria representar, quanto o seu afastamento daquilo que esta rejeita e passa a desempenhar outros papéis, visando atingir uma posição-sujeito diferente da que lhe é esperada, mas que para ela será mais proveitosa e agradável, como vemos em suas reflexões a seguir:

[...] cresceu outra verdade em mim: não queria ser como minha mãe, ou melhor, não queria fazer o que ela fazia. Esse sentimento foi o embrião de um afastamento entre nós, que precisaria do remédio do tempo para curar. Mas se eu não queria ser como d. Eunice, também não queria ser como d. Lúcia.

A vida que comeci a querer para mim era como a do seu Tiago, um cara que tinha a profissão dele e todo o respeito. Sim, ele parecia amar a família etc. e tal. [...] Era um amor que não exigia que ele abrisse mão de si mesmo. E foi isso que comeci a desejar, porque eu via que minha mãe abria mão de si própria, do seu futuro e da nossa família por conta deles. Via que d. Lúcia depositava todas as esperanças e maluquices na filha. Seu Tiago, no fundo, era a pessoa que eu queria ser naquele momento (Cruz, 2022, p. 44-45).

E também, fica-nos evidente nos momentos em que Mabel reflete sobre a futura profissão e é desdenhada por Tiago, pois este não vê o ofício como um lugar-social ao qual a garota deva ascender, e também no momento em que mais uma vez a jovem percebe que tem horror à posição-sujeito e ao lugar-social que é esperado para que um indivíduo como ela performe, afinal como ela bem mesmo bem afirma em dado momento: “Aqueles pessoas têm certeza de que nascemos para servi-las e de que o nosso caminho é apenas um” (Cruz, 2022, p. 56). Assim, podemos observar suas reflexões:



Enfiei na cabeça que queria ser médica depois que seu Tiago sorriu quando eu disse que queria fazer medicina. Falou que era muito difícil uma vaga numa universidade pública e que as instituições particulares eram muito caras. Não sei por quê, mas o sorriso dele foi um estímulo a mais para mim (Cruz, 2022, p. 52).

Eu não queria limpar uma casa que não fosse a minha. Não queria ter de levar uma criança para o trabalho na casa de ninguém. Essa era a minha história, e eu não desejava repeti-la com meus filhos. Aliás, eu não queria filhos! Não queria outra d. Lúcia como patroa. [...] Não queria ficar uma semana inteira longe do meu próprio lar para deixar a casa dos outros mais aconchegante e confortável. (Cruz, 2022, p. 56).

Quanto à sua mãe, vemos sua resignação e “aceite” da posição-sujeito em toda a obra, onde trechos como: “Minha mãe me criou sozinha, então logo cedo me encarregou para ajudá-la nos mil trabalhos. A vida ia avançando, e o tempo para essa coisa de estudar foi ficando para trás. Ainda leio mal e quase não escrevo” (Cruz, 2022, p. 82), apenas demonstram que sem a possibilidade de conhecer outros discursos, Eunice assumia o lugar-social que o discurso dominante ditava para alguém como ela, alguém de sua cor e sua classe social, porém, conforme é confrontada com outras formas discursivas – aquelas apresentadas por uma jovem Mabel, e pelos inteligentes e bem posicionados Cacau e João (os jovens negros, amigos de sua filha e prole do síndico do prédio onde trabalhava) –, Eunice vai se modificando até culminar numa mudança definitiva e aparente:

D. Lúcia havia combinado sua história com todo mundo, menos com a nova Eunice. A dona da cobertura do Golden Plate não imaginava ter de lidar com aquela mulher renovada, livre do sentimento de servidão e gratidão por receber muito menos do que merecia durante anos de dedicação e trabalho incessante. Não sabia que Eunice estava finalmente seguindo o conselho de d. Codinha e cuidando da própria vida, completando os estudos e recomeçando (Cruz, 2022, p. 160).

Afinal, a formação discursiva (FD) não é estanque, é possível que se modifique conforme se é interpelado por novos discursos, outras formações discursivas, podendo ser “invadida” por tais outros elementos que provêm de outro lugar e que se repelem nela (Pêcheux, 1997, p. 314). Como tais formações não são homogêneas podemos perceber que o sujeito, Eunice, a partir do processo de interpelação, da relação com os jovens e suas outras formações discursivas, passa de uma formação a outra, mesclando alguns pontos antigos do antigo discurso com o atual, e, assim, constituindo aos poucos novas e significativas mudanças.

Já o último vislumbre que temos de Mabel também corrobora toda a mudança atingida e apresentada no exterior da personagem, que, embora mantenha suas raízes e ligações com a negritude e a ancestralidade, atingiu um lugar-social e uma posição-sujeito que não lhe era esperada pela sociedade racista e classista dominante, vemos, assim, seu conforto e felicidade no momento,



fazendo questão de ressaltar o fator histórico ancestral que construiu sua “identidade” e tudo aquilo que a levou até ali:

Ela abriu o livro mais recente em que estava mergulhada, *Cartas a uma negra*, e leu em voz alta: “O problema da faxina é o cheiro da vida dos outros”. [...]

Na parede, um quadro com desenhos que as crianças da comunidade onde João morava tinham feito como presente, em agradecimento a seu atendimento por lá. Em cima da mesa, a caneta cara que Cacau lhe dera de presente na formatura, depois de economizar um bocado. Na prateleira da estante, uma santinha que era de sua mãe desde menina. Dentro de um vaso bonito de cerâmica que Jurandir trouxera para ela do Pará, uma muda cheirosa de cidreira retirada do pé que fora plantado por seu pai a pedido da avó. Mabel arrancou umas folhas e fez um chá na cafeteira.

“Quando você entrar na faculdade, vai lembrar que lhe ensinei que cidreira acalma?”

“Não tem nada que me tire essas certezas d. Codinha.”

O odor do chá tomou conta do ambiente. O quarto de descanso é todo aquele que tem o cheiro da nossa própria vida (Cruz, 2022, p. 161).

As mudanças de posicionamentos discursivos dos personagens retificam as proposições de que o real da história é a contradição, ou melhor, a história não pode ser considerada somente a partir de um único discurso. Do mesmo modo, não há apenas uma aceitação das evidências produzidas pela ideologia sem resistência, pois a ideologia é um ritual passivo de falhas. Logo, de acordo com Pêcheux (2014), não há dominação sem resistência: primado prático da luta de classes, que significa que é preciso “ousar se revoltar”. Assim, assumir a negritude enquanto processo de resistência pode ser um caminho espinhoso, diante da ideologia que propaga o racismo, mas é preciso ousar e revoltar-se contra as imposições de submissão e apagamento do povo negro e sua cultura.

3 CONSIDERAÇÕES

Em vista das reflexões expostas, salientamos o papel da Literatura como denúncia e como aquela capaz de propiciar reflexões, para o caso específico do romance, acerca do racismo latente da sociedade brasileira. O racismo, visto como um fenômeno que atravessa todas as estâncias e locais, muitas vezes sequer é percebido por aqueles que não sofrem com suas crueldades ou tiveram o “letramento” para notá-lo – às vezes, nem mesmo os que sofrem o percebem, pois como esse é naturalizado e institucionalizado no discurso dominante, o indivíduo que sofre também o aceita. Como visto na obra com as personagens Mabel, Eunice e a família branca e rica, que encaram o racismo de formas completamente distintas, por serem interpelados de formas diferentes pelos



discursos presentes na sociedade, compreenderem suas posições sociais a serem desempenhadas e quererem ou não resistir a tudo isso.

Afinal, é por meio dos discursos que o sujeito constitui a realidade e se constitui, logo, não há nada fora do discurso, ou seja, o que entendemos como sociedade e tudo que a constitui, ou seja, suas contradições, são efeitos de discursos que determinam os lugares sociais de cada sujeito. E, da mesma forma, as resistências a essas determinações, também são efeitos de discursos que circulam nas periferias da ordem do discurso dominante. Assim, as contradições presentes nos discursos das personagens da obra *Solitária*, são efeitos de discursos que buscam inscrever-se na ordem dos discursos já impostos como “normal”, ou melhor, na ordem discursiva que visa determinar esse dito lugar social do negro.

Assim, refletimos sobre o sentido de negritude das personagens principais como resistência a esses discursos de submissão e que por mais que o objetivo da ideologia seja o de tornar a linguagem transparente, ou melhor, tornar tudo natural, como se tudo sempre fora desse jeito, sem possibilidade de produzir sentidos e efeitos materiais, distintos dos já ditos, algo se desestabiliza nesse processo. Pois é no caráter de incompletude, tanto do sujeito, quanto da linguagem que a ideologia pode ser defendida como um ritual passivo de falhas e do mesmo modo, considerando a luta de classes que o contraditório existe e deixa suas marcas no discurso e conseqüentemente, na realidade social.

Embora estejam em um lugar social específico de onde espera-se determinado tipo de comportamento e discurso graças à ideologia dominante, pois é ela que produz os lugares sociais e o efeito de naturalidade, ou seja, que os sentidos são universais, as personagens exercem e assumem a sua negritude como a contradição desse sentido esperado. Sendo assim, contradizer os já ditos, é produzir resistência frente ao racismo e a ideologia racista que visa subjugar o sujeito negro, fazendo com que esse não se perceba como possível protagonista de sua história, e sendo essa uma história que pode até mesmo romper com as posições sociais e discursos estipulados outrora pelo sempre já aí que dissimula o real caráter material do sentido do discurso através da dita transparência da linguagem.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Pauline. Rendimento de brancos é 68,7% maior do que de trabalhadores negros, aponta instituto. **CNN Brasil**, 2022. Disponível em:



<https://www.cnnbrasil.com.br/economia/rendimento-de-brancos-e-687-maior-do-que-de-trabalhadores-negros-aponta-ibre/>. Acesso em: 10 mar. 2024.

CRUZ, Eliana Alves. **Solitária**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

FEIJÓ, Janaína. Negros ainda são maioria com rendimento de até 2 salários mínimos. **Portal FGV**, 2022. Disponível em: <https://portal.fgv.br/artigos/negros-ainda-sao-maioria-rendimento-ate-2-salarios-minimos>. Acesso em: 10 mar. 2024.

GOMES, Nilma Lino Gomes. Apresentação. *In*: MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. Autêntica, 2019. p. 7-9.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Panorama**: Censo Demográfico 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 22 fev. 2025.

MODESTO, Rogério. Uma outra cidade? A resistência possível e o efeito de resistência: uma proposta. **Forum linguistic.**, Florianópolis, v.13, n.1, p.1083 - 1093, jan./mar.2016.

MOURA, Bruno de Freitas. Censo 2022: população parda supera a branca pela 1ª vez. **Agência Brasil**, 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2023-12/censo-2022-populacao-parda-supera-branca-pela-1a-vez>. Acesso em: 10 mar. 2024.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. Autêntica, 2019.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Pucinnelli Orlandi *et al.* Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, Michel. Delimitações, inversões, deslocamentos. **Cadernos de estudos linguísticos**, Campinas, v. 19, p. 7-24, jul./dez. 1990.

PÊCHEUX, Michel. A análise de discurso: três épocas. *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony. (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Bethânia S. Mariani *et al.* 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

VILELA, Pedro Rafael. Mulheres negras são 65% das trabalhadoras domésticas no país. **Agência Brasil**, 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-04/mulheres-negras-sao-65-das-trabalhadoras-domesticas-no-pais>. Acesso em: 10 mar. 2024.

Enviado em: 31/05/2024

Aceito em: 23/06/2025